

A bruxa e o peixe

→ **Classificação:** Lendas e Mitos

→ **Assunto:** Relato de um pescador que, recusando dar peixe a uma bruxa que lho pedira, se viu sem conseguir pescar durante muito tempo.

→ **Região:**

- **Distrito:** Porto
- **Concelho:** Póvoa de Varzim
- **Localidade:** Póvoa de Varzim
-

→ **Entrevistado:**

- **Nome:** Ti Desterra
- **Data de nascimento:**
- **Residência:** Póvoa de Varzim

→ **Vídeo:**

- **Entrevista:** José Barbieri
- **Data de Recolha:** 2007
- **Filmagem:** José Barbieri
- **Duração:** 0:07:28

→ **Transcrição:**

- **Transcritor:** Ana Sofia Paiva
- **Data de Transcrição:** Janeiro 2011
- **Palavras:** 1.314

A bruxa e o peixe

Mas conta uma senhora que já morreu... Era a Tia Manas. E era muito velhinha... E ela, coitada, tinha um genro no meu barco. Um barco ainda de boca aberta. E aquela mulherzinha morava aqui à beira da Senhora da Lapa, mas vinha à praia... bem, com a coisa de eu lhe dar um peixinho para a ceia dela; ela e o genro. E para eu lhe dar um peixinho; e eu dava sempre um peixinho à senhora, prontos... e ela contava. Bem, a gente não tinha rádios nos barcos. A gente ia cedo para a praia, assentava-se na areia à proa dos outros barcos. Quem sabia trabalhar, levava uma meia para fazer, ou uma camisola ou uma coisa qualquer; quem não sabia, punha-se a contar histórias. E então a velhota contou esta. A respeito de a gente dar... Que ela dizia assim:

- Tu, minha menina, Nosso Senhor te ajude... Tu dás sempre tanto peixinho... Mas olha, minha menina, dá, que o Senhor ajuda-te. E olha que, a certas pessoas, não digas que não! Dá, nem que seja pouco. Eu vou-te contar aqui uma coisa, nossa menina, passada por mim! -ela assim.

Mas já uma senhora com 90 anos naquele tempo! Isto já vai há quarenta anos, portanto já hoje tinha 130 anos!

- O meu homem andava no mar numa catraia... -catraia era da pesca do alto; não era lancha, era catraia. – Uma vez chegou o barco, nossa Desterra... uma formosura de capatões, gorazes, chernes... Nós, todos contentes, faz uma pequena ideia...

- Pois, está claro...

Chegou aquela mulher à beira do barco e disse assim para o Mestre:

- Eu quero aquele capatão para a minha ceia.

E ele:

- Mas tu queres quê?! Eu que sou o mestre e dono do barco, não como capatão, e vais comer tu? Vai-te mas é a andar! Ainda se quisesse uma cascarra! Ou um cação!

- Não me dás? Ainda hás de me mandar a casa. -[palma]... por a areia acima.

A mulher do Mestre, quando se apercebeu, e essa Tia Manas, disse:

- Ai, João... O que fostes fazer, João... Desses-lhe o capatão, João! Olha que ouve-se dizer cá que ela é bruxa...

- Quero lá saber! Olha, se ela é bruxa, a minha mãe é feiticeira!

O homem, com aquela coisa... Venderam o barco – venderam o peixito. Era logo o dinheiro repartido na hora. Vendia-se o peixe, recebia-se o dinheirinho [...] e todas ali assentadinhas: tanto para a isca, tantos homens, tantas partes – era o dinheiro ali logo todo repartidinho, cada qual levava o seu dinheirinho para casa.

O barco, ao outro dia, foi para o mar. Nem um peixe dentro do barco. Já andavam assim já três ou quatro ou cinco dias, sem o barco tomar um peixe! O Mestre, desesperado. A Tia Manas:

- E eu, nossa Desterra, cheia de fome! Porque quem vai buscar uma cesta fiada à loja, outra cesta eles não dão!

- Mas vem à loja...

- Ah, não tomou mas, quando tomar, venho pagar...

Como pagava, ainda lhe fiou duas ou três cestinhas. Aquela mulher do pescador que fazia? Ia buscar a cesta, o coiso para levar na cesta, que era o farnel para lhes levar, e ela trazia alguma coisinha a mais, que era para eles comerem em casa. Está a compreender?

A Tia Maria Manas viu que o barco, três, quatro dias, não apanhou nem sequer um peixe, e os outros barcos cheios de peixe, disse para a Mestra do barco:

- Tu achas que isto está bem assim? Eu acho que isto que não está bem. Não está bem. Esta mulher... Não te disse que a mulher que era bruxa? Eu disse-te, tu não quiseste acreditar!

- Ó Tia Maria Manas, e agora como vamos fazer?...

- Como vamos fazer? Olha, temos que ir rogar, a ver o que é que se passa.

- Fui eu com a Mestra... -ela a contar. - Fui eu com a Mestra, cachopa... -que ela falava assim. - Fui eu com a Mestra, nossa cachopa... A uma mulherzinha, que estava ali à beira de Nosso Senhor dos Milagres, chamava-se Ana. Ti Ana!

- Que quereis?

- Ó Ti Ana, valha-nos nesta nossa aflição, Ti Ana! Passou-se... O barco anda, anda, anda... como é, para o mar e para a terra, nem sequer um peixe traz! Estamos cheinhos de fome... Eu tenho onze meninos, todos pequeninos... Quero fazer uma panela de corda, não tenho uma panela ao lume...

A mulher disse:

- Olha, cachopa, ide à casa dela e pedi-lhe que deixe o barco pescar. Porque é que o teu homem não lhe deu o capatão?

- Ai, sabes como são homens... Eu, se estivesse à beira, eu dava-lhe... -por este ponto, por aquele...

- Só tens uma coisa a fazer: ide-lhe pedir a ela para deixar o barco pescar, porque senão nada feito.

Diz a Mestra:

- Eu não vou, antes quero morrer.

Diz:

- Tu queres morrer?! Se nós não formos, morro de fome eu com os meus filhos!

Temos que ir.

Diz:

- Tia Maria Manas, vá você. Vá, por as almas, que eu não quero ir...

- Ai, tens que vir comigo, tu é que és a Mestra do barco. És a Mestra, tens de ir comigo.

A mulher, como... Com penas ou com glórias, ela lá foi. Chegou lá, diz ela:

- Que quereis aqui?

- Ó fulana... Eu venho tão cheia de fome... Deixa-me o barco pescar, pelas almas...

- O teu homem... O teu homem é *este*, o teu homem é *aquele*...

- Ó fulana... Não te aflijas, minha amiga. Enche-me o barco de pescar, que todos os dias que ele vier do mar eu mando-te aqui um peixe.

- Eu disse isso ao teu homem, mas ele não queria acreditar! Eu disse-lhe! Olha, não tenho nem um peixe nas cavernas! -era as cavernas do barco.

Diz ela, diz a Tia Maria Manas, de joelhos:

- Ó minha menina, por as almas do Purgatório, estou cheiinha de fome! Eu não tenho nada para botar corda ao lume, deixa o barco pescar...

-Vá-se embora. Tia Manas. Vá-se embora. Eles por daqui a nada começam a pescar. Vá-se embora.

A mulher veio-se embora:

- Ai, Deus queira que sim... Ai, Nossa Senhora...

Chega o barco à terra... Ao outro dia, que eles iam hoje e só vinham amanhã, passavam a noite no mar. O barco trouxe um ror de peixe. A mulher chegou à beira do homem, disse:

- Ó desgraçado! O capatão maior que tens aqui, dá aqui à Tia Maria Manas para levar à fulana, desgraçado! Nós podíamos estar tão bem e estamos desgraçados por tua

causa! Sabes que aquela mulher que é bruxa, desgraçado? Foi passado isto... -começou a contar.

E o homem disse:

- Sim senhora. A partir dessa hora, foi que... -eles sabiam as horas pelo sol, os pescadores sabiam -...começámos a pescar.

- Então, desgraçado, tu sempre que vás para o mar, de vez em quando manda-lhe um peixe, ou nunca mais pescas.

Diz a Tia Maria Manas:

- Minha menina, fui eu que fui levar o capatão. Cheguei lá... Fulana!

- Que quer?

- Anda aqui, minha menina. Olha, tenho este capatão, foi o maior capatão que apanhou.

- Então, tomaram alguma coisinha?

- Diz que tomaram. E tu, minha menina, não faças mal ao barco, minha menina. Que eu te juro: sempre que o barco vá para o mar, logo que eu possa, eu trago-te aqui.

Diz ela:

- Não, para esta semana não traga. Depois para a semana ou daqui a algum tempo, se me quiseres trazer um peixinho, traz-me, que eu não faço mais mal ao barco.

Diz ela:

- A desgraçada, parece que ia em vento na proa do barco para o barco não pescar!

Histórias que se contam. Era as histórias que se contavam.

